

O GÊNERO EPIDÍTICO NAS ENTRELINHAS DE UMA CRÔNICA DE CLARICE LISPECTOR

Claudia Borragini Abuchaim

Márcia Pituba

RESUMO

A Literatura e a Retórica, artes irmãs de matriz comum, são fundamentos para a formação do indivíduo e a construção de sentidos. Este estudo explora seu imbricamento, aplicando a teoria retórica – especificamente o gênero epidítico, voltado ao louvor e à censura – à análise da crônica *Deus*, de Clarice Lispector. O texto é de caráter confessional e existencial. A análise revela como a autora constrói um *ethos* paradoxal, mobiliza figuras de linguagem e apela a intertextos religiosos para persuadir e comover. Conclui-se que a crônica opera como um dispositivo retórico-literário, em que *ethos*, *pathos* e *logos* se entrelaçam, demonstrando a capacidade da literatura de modelar afetos, questionar valores e promover a adesão a uma visão de mundo por meio de sua verdade estética.

Palavras-chave: Literatura. Retórica. Clarice Lispector. Gênero epidítico. Análise retórica.

ABSTRACT

Literature and Rhetoric, sister arts with a common origin, are foundational for individual formation and the construction of meaning. This study explores their interconnection, applying rhetorical theory—specifically the epideictic genre, focused on praise and blame—to the analysis of Clarice Lispector's chronicle *Deus* (God). The text is of a confessional and existential nature. The analysis reveals how the author constructs a paradoxical *ethos*, employs rhetorical figures, and appeals to religious intertexts to persuade and move the reader. It concludes that the chronicle operates as a rhetorical-literary device, where *ethos*, *pathos*, and *logos* intertwine, demonstrating literature's capacity to shape affections, question values, and promote adherence to a worldview through its aesthetic truth.

Keywords: Literature. Rhetoric. Clarice Lispector. Epideictic genre. Rhetorical analysis.

Considerações iniciais

A Literatura manifesta a alma do povo que a produz, com base nas vivências de seu tempo, no equilíbrio entre as demandas de mazelas e de benesses de sua época. É a miscelânea de fatos com o delírio de um autor e o seu desejo de registro. Se por um lado, corta e rasga, sangra e dói; por outro lado, também possibilita abraços e colo, mimo e aconchego. A Literatura é pai e mãe, assim como a Retórica, pois ensina a falar e a escrever e educa com bons modos para uma vida toda. Juntas, Literatura e Retórica são bases tanto para a formação de um cidadão consciente, argumentador e posicionado no mundo quanto para a constituição de um ser do mundo: sonhador, sabedor, fazedor e construtor.

Cabe salientar que a relação da Literatura com a Retórica data da Antiguidade, uma vez que nasceram de uma matriz comum, dessa forma, foram forjadas como formas estéticas e estratégicas de linguagem, com o escopo de produção de sentido e de expressão de sensibilidade e de persuasão, assim, constituíram-se como artes irmãs e nos seus DNA estão as capacidades identificadas por Cícero de mover – *movere* –, de ensinar – *docere* – e de deleitar – *delectare*. Por essas características, a memória e a *poiesis* as atravessam, por isso encontramos em ambas a modelagem de afetos, de ideias e de formas de convivência. Logo, a Literatura não é o outro da Retórica e nem vice-versa, mas uma representa uma forma sutil e potente da outra.

Ao percorrermos a tradição clássica greco-romana, destacamos que a literatura era ensinada como parte do *Trivium*, ao lado da gramática e da dialética, tripé guardado pela Retórica. Ressaltamos, ainda, que as sistematizações produzidas, por exemplo, por Aristóteles, Cícero e Quintiliano, não apenas serviram de base para a formação de oradores, mas também aos escritores. Destacamos, principalmente, o sistema retórico que, composto pela *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *actio*, serviu de rota tanto para a formulação dos discursos públicos quanto para as composições literárias. Evidenciamos, ainda, que a poética aristotélica se constitui como uma extensão da retórica aplicada à mimese ficcional, logo, Aristóteles quando analisou a tragédia provou o seu poder de produzir *catharsis* — efeito estético e ético que se dá por meio de uma persuasão afetiva, desse modo, também retórica. Assim, ratificamos o imbricamento das artes irmãs.

Ao narrar, poetizar ou dramatizar, a literatura se expõe e se atualiza em todos os momentos históricos porque tatua valores, identidades e visões de mundo em determinados tempo e lugar de forma que possibilita aos autores a construção de novas realidades – verdadeiros universos paralelos – que interpelam e atravessam seus leitores. Assim, por meio de uma intenção argumentativa em forma de obras literárias, ocorre um convite do autor aos seus leitores para subversão, renovação, atualização e validação de crenças, sentimentos, sensações, lembranças e memórias. O texto literário, desse modo, atua como dispositivo de formação simbólica, em que *ethos*, *pathos* e *logos* se entrelaçam para produzir uma verdade estética que pode persuadir, convencer, emocionar, sensibilizar, despertar e transformar.

A Retórica oferece à Literatura estratégias para uma construção poética do discurso que além de comover, mover e ensinar, alcance a almejada verdade estética. A persuasão e o convencimento literários podem se materializar verbalmente por meio de figuras de linguagem, esquemas de argumentação, modos de organização do texto, vozes narrativas, entre outros. Seja pela metáfora, pela anáfora, pelo paralelismo, pela antítese, pela hipérbole e, até mesmo pela ironia, exemplos de figuras retóricas apropriadas pela literatura, que é possível se produzir efeito de sentido e o movimento do *pathos*.

A Nova Retórica, com Perelman e Olbrechts-Tyteca, propõe que o objetivo principal dos discursos se centra na busca de adesão, e que é possível atingi-la por meio: do uso da forma – materializada na estética –, do apelo emocional – concretizado no jogo das palavras – e da via racional – organizada nas estratégias argumentativas. O ser retórico é movido pela dúvida e pelos questionamentos. Segundo Medeiros e Pituba (2025, p. 176), ele é um ser de pensamento, de linguagem, de memória e de interpretação, logo é marcado por rupturas e por reconstruções, além de uma necessidade imperativa de ressignificar o mundo por meio da palavra. Assim, “o orador não apenas descreve, ele aponta para um novo modo de olhar, de sentir e de julgar”, logo o lugar da negociação é marcado por permanência e mudança.

Por isso, as narrativas atravessam a história do ser retórico, surge a necessidade de falar de si e de contar histórias, “esse processo abarca memória, significação de palavras, ressignificação da argumentação e abertura para um espaço de disputa de novas narrativas e mais histórias” (Medeiros e Pituba, 2025, p. 176). Assim, a literatura encontra espaço no cotidiano da vida e atua em um sistema que converge na convocação do leitor

para aderir a algo muito maior que tão-somente um discurso, porque essa aderência representa uma visão de mundo, que cria desdobramentos de diversas formas de produto como: emoções, questionamentos e reflexões. Tudo isso se dá a partir de uma escolha que se bifurca em aceitação de determinados oradores e discursos e da recusa de outros pela via da forma da disposição, em um processo que se constrói para atingir os resultados pretendidos.

Ademais, desde os discursos da Retórica Clássica e Antiga até os da contemporaneidade – imiscuídos em valores, comportamentos e ideias, sociais, morais e políticas –, assim também encontramos a Literatura, imersa nas mesmas questões, fato que nos permite afirmar que os três gêneros retóricos clássicos atravessam a poética dos discursos e das literaturas. Vejamos com vagar.

O gênero epidítico em interação com a literatura

Aristóteles (2012) sistematiza os gêneros retóricos e os categoriza em três, são eles: o deliberativo – em que o orador convoca a audiência ao debate de ideias, envolve os discursos sociais e políticos, para a decisão de uma ação futura –; o judiciário – ao julgar comportamentos, põe em xeque questões de valores morais, seja culpabilidade ou inocência, direciona-se a eventos do passado; e, por fim, o epidítico, foco deste artigo, mira no louvor e na censura de personagens, lugares, ideias, culturas ou condutas, é apropriado para evocar emoções e modelar e reforçar valores de uma sociedade, pois movimenta a ampliação para o que é louvável e a diminuição para o que é censurável. Assim, é no ornamento, evidenciado pelos qualificadores e desqualificadores, marcadores das figuras de estilo, que o louvor e a censura se destacam.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000) ampliam esse entendimento ao afirmar que tal gênero cria a presença de valor e torna o ideal tangível por meio da linguagem, o que é marcado pelos lugares retóricos – *topoi*. Na literatura, tal processo se manifesta na seleção dos temas, na construção das personagens, no tom do narrador e nas figuras retóricas mobilizadas. Há um preciosismo retórico, a partir do uso de uma técnica refinada nos textos literários, para destacar na presença dos valores – independentemente se favoráveis ou desfavoráveis, de censura ou de louvor –, uma argumentação crítica que tanto funda quanto ratifica mundos não apenas imaginários, mas políticos, éticos e

sociais. É o momento da *elocutio* que possibilita a estilização da linguagem em sua sofisticação estética, peculiar a cada autor. Em meio a dúvidas e a questionamentos, é preciso suportar o que venha a ser pensado, o leitor é desafiado a ousar pensar por si mesmo, ainda que seja preciso ousar se revoltar. Para Eco (1994, p. 9), “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho.”

No esteio da construção do processo literário, em que o orador/autor põe em seu discurso ficcional autorreferências; além de apresentarmos uma interpretação à luz da Retórica, trazemos também a visão de Clarice Lispector em seu processo criativo, de acordo com afirmações colacionadas ao artigo. Destacamos o registro de como a prosa contemporânea pode dialogar com o gênero epidítico, em um excerto da crônica *Deus* de Clarice Lispector, publicada pela primeira vez no *Jornal do Brasil* (1968).

Dessa forma, esta pesquisa objetiva apresentar uma análise retórica que se volta para um texto confessional, intimista, na qual, ao mesmo tempo, abarca um sentimento ontológico e transcendente universal por meio da indagação *e depois da morte?* Teceremos um caminho de análise que mostrará a versatilidade do gênero epidítico que se manifesta também em um discurso no qual orador e auditório se confundem, se entrelaçam, pois comungam da mesma angústia existencial a respeito da finitude humana.

Nosso arcabouço teórico contempla as obras de Aristóteles (2012), Ferreira (2010), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000).

Clarice Lispector e o poder da palavra/pensamento: análise de uma crônica

A crônica é um gênero literário-jornalístico de curta extensão que convida o leitor à reflexão. Segundo Candido (1995), embora publicada em jornais, caminha na contramão do discurso factual ao apresentar textos com toques poéticos, ficcionais ou dramáticos. Artur da Távola afirma que a crônica é:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. [...] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura (Távola, 2005, p. 55).

Clarice Lispector integra um grupo seletivo dos melhores autores do século XX, ao lado de Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, Guimarães Rosa dentre outros, tanto no cenário nacional quanto no internacional. A autora escrevia crônicas aos sábados, no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973.

Cronologicamente, Clarice pertence ao Terceiro Tempo do Modernismo no Brasil. Sua prosa peculiar, que na época, a crítica não conseguiu absorver com unanimidade, consiste em explorar a percepção das personagens diante dos fatos. O enredo, o social, apresenta-se como pano de fundo, enfatiza a prosa introspectiva e a pluralidade linguística, as entrelinhas, o silêncio, revela-se mais do que o dito, o explícito. Sousa analisa a prosa introspectiva de Clarice como um “acumular de sensações, de impressões, de estados interiores, um processo de representação figurativa da própria escrita” (Sousa, 2000, p. 49).

Apresentamos o excerto da crônica *Deus*, objeto de nossa análise:

Deus

Mesmo para os descrentes há a pergunta duvidosa: e depois da morte? Mesmo para os descrentes há o instante de desespero: que Deus me ajude. Neste mesmo instante estou pedindo que Deus me ajude. Estou precisando. Precisando mais do que a força humana. E estou precisando da minha própria força. Sou forte mas também sou destrutiva. Autodestrutiva. E quem é autodestrutivo também destrói os outros. Estou ferindo muita gente. E Deus tem que vir a mim, já que eu não tenho ido a Ele. Venha, Deus, venha. Mesmo que eu não mereça, venha. Ou talvez os que menos merecem precisem mais. Só uma coisa a favor de mim eu posso dizer: nunca feri de propósito. E também me dói quando percebo que feri. Mas tantos defeitos tenho. Sou inquieta, ciumenta, áspera, desesperançosa. Embora amor dentro de mim eu tenha. Só que não sei usar amor: às vezes parecem farpas. Se tanto amor dentro de mim recebi e continuo inquieta e infeliz, é porque preciso que Deus venha. Venha antes que seja tarde demais.

Todo discurso é norteado por uma argumentação que visa a adesão do auditório, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000) falam de acordos prévios que são proposições não questionadas, aceites pelo auditório, verdades intrínsecas que constituem a base do discurso. Clarice Lispector constrói um “eu retórico” que transita entre o *movere* – comoção –, o *docere* – explicação – e o *delectare* –, é dócil com o auditório ao compactuar as mesmas dúvidas e inquietações existenciais.

Geralmente, a crônica se caracteriza por ter uma abordagem direta com o leitor ao simular uma conversa informal. Lispector constrói seu discurso em um misto de tom confessional e elegíaco, em uma fusão de intencionalidade, se confessa ao leitor, mas ao mesmo tempo clama por Deus, busca a salvação na hora da morte. Clarice registra seus devaneios íntimos e particulares, suas angústias e incômodos, como se tratasse de uma questão pessoal.

O texto apresenta uma reflexão intimista, autobiográfica de um ser retórico descrente que faz uma reflexão ontológica. A expressão anafórica *Mesmo para os descrentes*, traça uma trajetória paradoxal a respeito de reflexões existenciais sobre a morte. As figuras retóricas compõem as artimanhas do discurso, a oradora utiliza a anáfora, que funciona como *figura de presença*, recurso retórico utilizado em poesia e em discursos que desejam incitar a adesão do auditório. A palavra descrente, neste contexto, significa “que ou aquele que não tem fé religiosa”, portanto, por não crer no transcendente não questionaria a “pergunta duvidosa”, mística, do além da morte. Partimos do pressuposto de que o descrente não teria indagações transcendentais, que a morte nessa perspectiva profana seria o final da jornada da vida, sem indagações, sem mistérios.

Toda pergunta surge da dúvida, embora nem todas as perguntas tenham uma resposta objetivamente comprovada. A indagação: *e depois da morte?* traz consigo reflexões ontológicas, não racionais, que incitam uma ponderação religiosa marcada pelo título da crônica *Deus*. Diante da consciência da finitude da vida, o ser retórico descrente se converte e em um *instante de desespero* pede a ajuda de Deus, do sobrenatural.

Ciente da existência de Deus, a oradora apela para a *figura de comunhão*, afirma que precisa *mais do que a força humana* para juntar-se a sua própria força, comunga com valores religiosos do auditório/leitor ao convocar a participação ativa de concordância, na qual se unirmos nossas poucas forças à força divina, seremos verdadeiramente fortes (Ferreira, 2010).

Na intencionalidade de persuadir o auditório por meio da compaixão, o “eu retórico” constrói um *ethos* paradoxal e lança mão da *amplificação*, recurso da *figura de presença* com o claro objetivo de autodepreciação: *Sou forte mas também sou destrutiva. Autodestrutiva. E quem é autodestrutivo também destrói os outros. Estou ferindo muita gente. E Deus tem que vir a mim, já que eu não tenho ido a Ele. Venha, Deus, venha.*

Estudiosos de Clarice Lispector apontam uma convergência entre a angústia e a náusea de Sartre com a prosa introspectiva da autora. Propomos uma análise inversa por meio de uma citação de Benedito Nunes a respeito da personagem Roquentin, protagonista de *A náusea*, de Sartre, que afirma: “Vivemos, afinal, num mundo puramente humano, onde a única transcendência deriva da consciência” (Nunes, 1966, p. 17). A lucidez da personagem, a respeito da própria existência que se configura na pura racionalidade, a conduz ao medo, ao mal-estar físico que a leva à cólera e à náusea. Diferente do “eu retórico” de Lispector que, a partir do autoconhecimento, busca pelo transcendente, pede a Deus que venha. O gênero epidítico, neste caso, se manifesta na autodepreciação, na qual paradoxalmente legitima o pedido da “presença” de Deus. Atentemos para a versatilidade desse gênero que, na maioria das vezes, se manifesta em discursos cerimoniais por meio da exaltação ou da crítica a indivíduos ou a grupos, com o propósito de provocar emoções no auditório como forma de reforçar valores sociais.

Retórica e discurso religioso potencializam-se mutuamente e o apelo de Clarice encontra eco nos Evangelhos. De acordo com o Novo Testamento, ao ser chamado por Jesus para que o seguisse, o publicano Levi (Mateus) “ofereceu-lhe uma grande festa em sua casa, e com eles estava à mesa numerosa multidão de publicanos e outras pessoas” (Lucas 5:29) (Bíblia, 2002). Os fariseus e seus escribas, indagavam os discípulos sobre o fato do Mestre comer e beber junto com pecadores. Jesus intercedeu e lhes respondeu: “Os sãos não têm necessidade de médico e sim os doentes; não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento” (Lucas 5:31-32) (Bíblia, 2002). Pode-se inferir que o cuidado de Jesus Cristo era maior com aqueles que não mereciam, mas eram os que mais precisavam – os pecadores.

O “eu retórico” se apresenta como uma pecadora arrependida: *Só uma coisa a favor de mim eu posso dizer: nunca feri de propósito. E também me dói quando percebo que feri. Mas tantos defeitos tenho. Sou inquieta, ciumenta, áspera, desesperançosa.* Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000), os *argumentos baseados na estrutura do*

real constroem-se por meio de opiniões a partir de aspectos análogos aos que se instauram com o mundo da vida. A oradora traça a persuasão do discurso por meio de *ligações de coexistência* ao se caracterizar como um ser humano falho: *inquieta, ciumenta, áspera, desesperançosa*.

Para finalizar, a crônica atinge seu auge confessional no amor e na súplica: *Embora amor dentro de mim eu tenha. Só que não sei usar amor: às vezes parecem farpas. Se tanto amor dentro de mim recebi e continuo inquieta e infeliz, é porque preciso que Deus venha. Venha antes que seja tarde demais*. A análise retórica segue pelo viés do discurso religioso. O texto implicitamente abarca a intertextualidade com a *Ode ao Amor* escrita pelo Apóstolo Paulo: “o amor é paciente, é prestativo, não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. [...], não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:4-7) (Bíblia, 2002). De acordo com o Apóstolo João: “Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1 João 4:16) (Bíblia, 2002). A oradora clama a Deus que a guie no uso do amor, para que ele não mais corte como farpa, e anseia que, com Sua chegada, encontre o fim da inquietude e da infelicidade.

A oradora prossegue com a intertextualidade e pede a Deus que venha, uma vez que não tem ido até Ele, que venha antes que seja tarde. Assim, também, Santo Agostinho, após uma longa e excruciante busca, encontrou Deus onde jamais cogitou procurá-lo: “Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a te procurar! [...] Estavas comigo, e eu não estava em ti” (Agostinho, 2017, p. 281). A proximidade da morte trouxe a clareza, a epifania da necessidade da presença de Deus, porque assim como afirma Santo Agostinho, o descrente procura por Deus em vários lugares sem encontrá-Lo. No contexto do discurso religioso cristão, quando a oradora afirma que *“Embora amor dentro de mim eu tenha. [...] Se tanto amor dentro de mim recebi”*, Deus sempre esteve presente, pois como se lê na Primeira Epístola do Apóstolo João, “Deus é amor” (4:16), e nesta perspectiva, Ele já estava dentro dela.

Considerações finais

A análise desenvolvida contemplou as dimensões estética, argumentativa e simbólica. Por meio do gênero epidítico, evidenciamos uma sucessão de excertos que disputam sentidos e constroem pactos simbólicos em um arranjo por um reconhecimento de uma estética literária na qual a palavra não apenas representa, mas funda uma realidade de coerência que, por meio da argumentação, desencadeia a adesão do auditório.

Escrever é um ato de reconhecer-se e reconhecer os outros, logo, da mesma forma que ler é reconhecemo-nos e sermos reconhecidos pela produção literária. Ocorre uma identificação coletiva do auditório/leitor, é como se todas as pessoas ao se identificarem com as letras pulsantes de Clarice pudessem se abraçar ao mesmo tempo. Nesse abraço, em que uma sustenta a outra, seja pelo silêncio dos olhares ou pelo toque da pele, os valores suscitados são louvados, pois estão presentes nos sentimentos, nas sensações, nas lembranças e nas memórias. Enquanto isso, as críticas e as velhas crenças são censuradas, ficam à mercê de uma mudança que possibilite subversão, renovação e atualização.

O gênero epidítico é parte da linguagem, por ser tão técnico e bem dimensionado extrapola sua formação simbólica e se agiganta de forma que perdemos o modo de dimensioná-lo, da mesma forma que se apresenta Clarice. Para quem nasce e vive, a morte é uma certeza incontestável, mas o que acontecerá depois dela segue como uma grande incógnita, talvez esse seja um dos maiores mistérios que cercam a humanidade. Chegamos sozinhos e partimos da mesma forma. Por isso, a oradora, que manifesta um *ethos* paradoxal, revela tanto a inquietação das incertezas – que são expostas, retrucadas por si própria e retomadas com novas dúvidas –, quanto a de não se sentir merecedora de ser olhada, ouvida e acolhida por Deus, ainda que seja essa sua busca incansável. Entretanto, em sua teimosia insistente, seja consigo mesma – ao se sentir desnutrida de merecimentos –, seja com Deus – por não se sentir digna de atenção em suas súplicas, ela mesma poderá, por fim, em algum momento, concluir que DEUS já está dentro dela: D-EU-S.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do

Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Português. Nova edição, revista e ampliada. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**: edição comemorativa. São Paulo: Rocco, 2020. p. 39.

MEDEIROS, Anderson; PITUBA, Márcia. As travessias das narrativas de origem: louvor, censura e Retórica na construção do mundo e do ser. In: SANTOS, Éber José dos; FERREIRA, Luiz Antonio (Orgs.). **Gêneros retóricos: epidítico**. Campinas, SP: Pontes, 2025, p. 171-181.

NUNES, Benedito. **O mundo de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1966.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector: figuras da escrita**. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Poliedro 3, 2000.

TÁVOLA, Artur da. Crônica. In: MORICONI, Italo (Org.). **O dicionário da crônica brasileira**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2005.